



Considerações sobre a análise marxista do cristianismo primitivo

Agnaldo dos Santos¹

1. Introdução

Não é segredo para aqueles que conhecem a história do marxismo que não só Karl Marx e Friedrich Engels, mas também alguns de seus melhores intérpretes – como Rosa Luxemburg, Karl Kautsky e Antonio Gramsci – dedicaram textos para analisar o fenômeno histórico do cristianismo. Eles foram atraídos pelo tema por diversas razões, a começar pelo fato de ser a religião cristã a instituição mais antiga do Ocidente,² mas também porque possuía ainda àquela época (final do século XIX e início do século XX) considerável protagonismo político junto à população operária. Em geral os padres e bispos usavam suas homilias para atacar o movimento socialista, sendo então um dos seus principais antagonistas.

Mas decerto um dos pontos mais estudados por esses autores foi a forma organizativa que o cristianismo adotou ao longo dos séculos, a princípio por sua origem humilde e de porta-voz dos desvalidos e gradativamente foi se tornando instrumento de dominação política em três grandes fases históricas, a saber, Antiguidade Romana, Idade Média e Modernidade capitalista.

Como o texto buscará apresentar mais à frente, o movimento socialista via muitas similaridades entre ele e o cristianismo primitivo,

-
1. Professor da Unesp (Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília) e membro do Núcleo de Estudos d'O Capital.
 2. Ao contrário do que divulga habitualmente a imprensa quando ocorrem eventos na cúpula do Vaticano (como a renúncia do papa Bento XVI e a eleição do papa Francisco), a Igreja Católica Romana não possui “mais de dois mil anos”, pois seu formato atual, com rígida hierarquia, data de período entre os séculos II e III. Trataremos mais à frente disso.

incluindo também os movimentos milenaristas dos séculos XVI e XVII, apontando em sua estrutura organizativa e seus princípios morais a origem de suas qualidades mas também de seus limites.

Como esse tema é bastante amplo, inclusive com trabalhos relevantes de autores acadêmicos de inspiração marxista,³ optamos por considerar aqui apenas os clássicos do marxismo que, ao mesmo tempo em que deitavam reflexões sobre esse fenômeno histórico, também tinham em vista preocupações relacionadas com a prática política. Faremos apenas uma exceção, no início de nosso texto, para olhar o debate acadêmico mais contemporâneo sobre as bases históricas da personagem Jesus de Nazaré e da origem da comunidade cristã, para poder comparar com a percepção que os autores marxistas tinham em sua época acerca do tema. Ao final sugerimos alguns apontamentos sobre como a tradição marxista compreendeu a relação entre política, cultura e o fenômeno religioso.

2. Teorias Modernas sobre o Jesus Histórico e a origem do cristianismo primitivo

O mercado editorial vem oferecendo, desde algum tempo, diversos títulos de divulgação científica sobre a base histórica e arqueológica a respeito do homem conhecido como Jesus de Nazaré, transformado décadas depois de sua morte em Cristo (“ungido”, em grego).

Uma vez que nosso texto buscará apenas uma abordagem dos clássicos do marxismo sobre o assunto, vamos usar como base dessa reconstrução histórica dois livros – o do professor de teologia Bart Ehrman, *Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?*,⁴ e *Uma História de Deus*, da historiadora (e ex-freira) Karen Armstrong, sabendo que existem muitas outras fontes para a reconstrução do Jesus histórico.

Em primeiro lugar, a longa tradição religiosa que leva até o cristianismo surge curiosamente da ideia de um deus que morre: os povos que viviam na região que chamamos Oriente Médio, alguns

3. Só para citar os mais conhecidos, Edward P. Thompson e Christopher Hill (historiadores britânicos) e Erich Fromm e Ernst Bloch (próximos da Escola de Frankfurt) dedicaram livros para compreender a influência religiosa na vida política e na formação da cultura ocidental.

4. Apesar do perfil do autor, agnóstico que abandonou a fé e a comunidade evangélica em que foi criado nos EUA, os dados que apresenta não são novidade para os estudantes dos seminários católicos e protestantes, inclusive sendo ele ainda professor de muitos pastores norte-americanos. Como veremos mais adiante, seu trabalho apresenta de forma resumida informações e reflexões que vêm sendo consolidadas há pelo menos 150 anos, o que inclui o material a que Engels, Kautsky e Rosa tiveram acesso em seu tempo.

milênios antes da era cristã, desenvolveram mitologias sobre deuses com características muitos similares entre si. Considerando os cananeus, que habitavam a região que depois seria conhecida como Palestina, havia El,⁵ o Deus-Alto, que tinha uma corte de deuses como em tantas outras narrações: um conflito entre Baal e Yam leva à morte de Baal e sua ida ao mundo subterrâneo. Há uma tentativa de El em resgatá-lo, fato concretizado por outra deusa, Anat (irmã e amante de Baal). Esta mata Mot, deus da morte e da esterilidade, queima-o, tritura-o e espalha-o pelo chão, em um ato de fertilização bem sugestivo para povos que estavam se transformando em sedentários e agricultores.

De acordo com Armstrong: “A morte de um deus, a busca empreendida pela deusa e o retorno triunfante à esfera divina eram temas religiosos presentes em muitas culturas e reapareceram na religião, muito diferente, do Deus Único adorado por judeus, cristãos e muçulmanos” (Armstrong, 2008, p. 24). É nesse caldo cultural que veremos emergir toda a estrutura narrativa do cristianismo, em particular essa ideia de um ressurgimento (ou ressurreição) do elemento divino.

Tanto Ehrman e Armstrong, quanto outros autores preocupados com uma leitura histórico-crítica da Bíblia, são unânimes: um retrato completo de Jesus de Nazaré é tarefa quase impossível, pelas próprias características da população que vivia na Palestina no século I da Era Cristã (ou Era Comum).

Tanto o líder religioso Jesus quanto seus seguidores eram analfabetos ou semiletrados (no caso do primeiro, provavelmente soubesse ler, mas não escrever), e todos os registros escritos – que aliás se perderam e foram copiados nos séculos seguintes por monges católicos – foram feitos pelas gerações posteriores de cristãos helenizados, entre trinta e cinco e sessenta e cinco anos após os acontecimentos descritos nos Evangelhos.

Isso de saída já implica um grande problema: são relatos feitos a partir da tradição oral, e os redatores que depois compilaram essa tradição no lugar dos evangelistas (que, repetindo, eram analfabetos) os organizaram sob a influência da destruição do Templo de Jerusalém no ano 70 d.C. e da posterior diáspora dos judeus.

5. Ainda que a tradição atribua ao Deus judaico-cristão o “não-nome” de *Yahweh*, *Javé* (“Eu Sou”), o judaísmo aceitou também El como outra denominação para Deus. Veja por exemplo o significado dos nomes *Israel* (“Que Deus mostre Sua força”) e *Gabriel* (“Homem forte de Deus”). Baal também é incorporado nessa cosmovisão, como Belzebu ou Baal-Zebud (deuses do trovão e da pestilência entre cananeus e fenícios). Conferir os verbetes *El*, *Javé* e *Baal* em: <pt.wikipedia.com>.

Bem, o que se pode afirmar então sobre o pregador de Nazaré? Era, de acordo com Ehrman, um dos inúmeros representantes da tradição messiânica judaica, no preciso sentido do termo em hebraico: profetas autointitulados “ungidos”. Os diferentes profetas judeus da época tinham uma visão dualista do mundo: um enfrentamento das forças do bem e do mal. E essa visão era reforçada com as diversas ocupações que a Palestina havia sofrido ao longo da história, sendo a romana aquela do período de Jesus.

Os seguidores de Jesus podiam esperar a chegada desse reino [de Deus] para breve – de fato, enquanto ainda fossem vivos. Isso seria produzido por um juiz cósmico da Terra, a quem Jesus chama de Filho do Homem (remetendo a uma passagem das Escrituras Judaicas, Daniel 7:13-14). Quando o Filho do Homem chegasse, haveria um julgamento da Terra, no qual os ímpios seriam destruídos e os justos, recompensados. [...] As pessoas precisavam se arrepender de seu comportamento ímpio e se preparar para a chegada do Filho do Homem e do Reino de Deus que surgiria em sua esteira, pois isso aconteceria logo. [...] Esse Reino de Deus não é o Céu – o lugar para onde você vai quando morre. É um reino real, aqui na Terra, que será governado por Deus por intermédio de seu Messias, um reino utópico em que os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros (Ehrman, 2010, pp. 173-174).

Esse é um aspecto importante: todos os profetas desse período não falavam de um mundo espiritual pós-morte, mas de um Reino de Deus bem terreno. Isso, aliás, era coerente com o monoteísmo judaico que, de acordo com a interpretação dada por Max Weber, foi a primeira concepção de *desencantamento do mundo*, radicalizada depois pelo calvinismo (Weber, 2004). E é reforçado não só pela existência de grupos com características apocalípticas⁶ – os mais famosos são os essênios, que parecem ter inspirado vários rituais cristãos – mas por uma personagem do próprio Evangelho, João Batista, que teria inclusive antecedido os trabalhos do nazareno.⁷

Armstrong indica que tanto Jesus quanto João Batista eram figuras populares muito comuns naquele momento na sociedade judaica, ainda

6. Um exemplo, que apesar de cômico é muito condizente com o espírito da época, é uma passagem do filme *A Vida de Brian* (1979) do grupo Monty Python, onde a personagem em questão se esconde dos soldados romanos no meio de um desfile de profetas apocalípticos pelas ruas de Jerusalém.

7. Ainda de acordo com Ehrman, João Batista deve ter existido realmente pois foi lembrado pelos evangelistas. Mas dificilmente seria o “preparador” da missão de Jesus, provavelmente sendo mais um dos seus “competidores”.

que não se possa descartar a possibilidade de que Jesus fosse alguém com formação teológica:

Houve muita especulação sobre a exata natureza da missão de Jesus. Os Evangelhos registram bem poucas de suas palavras, afetadas, em grande parte, por fatos que ocorreram nas igrejas fundadas por São Paulo após sua morte. Não obstante, há indícios da natureza essencialmente judaica de sua trajetória. Os curandeiros eram figuras religiosas conhecidas na Galiléia: como Jesus, eram mendicantes que pregavam, curavam os doentes e exorcizavam os demônios. Também como Jesus, muitos desses santos galileus tinham um grande número de discípulas. Para outros, Jesus provavelmente era um fariseu da mesma escola que Hillel, assim como Paulo, que dizia ter sido fariseu e discípulo do rabino Gamaliel, antes de se converter ao cristianismo (Armstrong, 2008, p. 107).

Vale destacar que Kautsky em seu texto também partilha da opinião sobre a multiplicidade de profetas na antiga Palestina, bem como a de que é muito difícil estabelecer o perfil exato do Jesus histórico. Ele acha plausível que tenha existido um profeta com esses traços e que ele tenha inspirado a religião cristã, indo contra a tese defendida pelo filósofo alemão Bruno Bauer, para quem Jesus era uma invenção dos gregos e romanos que passaram a difundir o cristianismo, inspirados na filosofia estoicista (Kautsky, 2010, p. 51). De todo modo, muitos foram os concorrentes de Jesus de Nazaré: Apolônio de Tiana, um filósofo pitagórico contemporâneo de Nero,⁸ era visto como um ser enviado pelos deuses, sábio, com o dom da profecia, curandeiro e que teria ascendido aos céus. Diz Kautsky:

Logo se estabeleceu uma dura concorrência aos milagres atribuídos a Cristo e os realizados por Apolônio. Durante o reinado de Diocleciano, um dos últimos governadores, Hiérocles, escreveu um livro contra os cristãos, em que afirmava que os milagres de Cristo nada eram se comparados com os de Apolônio, e ainda mais, que não eram tão bem comprovados como. Eusébio de Cesaréia escreveu uma réplica a esse livro, em que não punha a menor dúvida sobre os milagres de Apolônio, mas tentava simplesmente diminuí-los, atribuindo-os não a atos divinos, mas à magia, ao trabalho do Demônio (Kautsky, 2010, p. 157).

8. Como Jesus, também não há documentos que atestem sua real existência, fora relatos de seguidores e uma possível menção na Bíblia como “Apolo”, em Atos dos Apóstolos e 1ª Carta de S. Paulo aos Coríntios. Especula-se que tenha nascido entre 2 a.C. e 10 d.C., morto entre 98 d.C. e 100 d.C. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Apol%C3%B4nio_de_Tiana>. Acessado em 24/03/2013.

Outro “messias”, também citado e hostilizado pelos cristãos nos *Atos dos Apóstolos*, é Simão Mago de Samaria (a quem se atribui a divulgação da filosofia gnóstica na região mas também a venda de curas e milagres - a simonia), que teria desafiado São Pedro a demonstrar os poderes atribuídos por Jesus, sugerindo então que ele lhe vendesse tais poderes (*Atos*, cap. 8, vers. 18-19). Era também hostil aos fariseus, dizendo que o Deus judaico era um “demiurgo”, um deus menor.⁹ Havia intensa disputa não só entre esses diversos “messias” como também no interior do próprio cristianismo nascente, entre as versões mais judaicas e mais greco-romanas.

O mais provável então é que as várias fontes orais tenham evoluído, de um Jesus messiânico dos moldes judaicos para um Jesus Messias (do grego *Christós*) já nos moldes helenistas. E essa transmutação coincide tanto com a destruição do Templo em 70 d.C. e a dissolução do Estado judeu, quanto com a morte de toda a geração de apóstolos e discípulos que conviveram com Jesus, e que portanto não viram chegar esse reino terreno de Deus. Kautsky, Ehrman e Armstrong concordam que o Evangelho que representa melhor o primeiro perfil é o de Marcos e o último perfil, o Evangelho de João.

As primeiras comunidades cristãs

Nesse ponto, uma pergunta desponta: e a primeira comunidade cristã, como era e o que pensava? Se os dados sobre o Jesus histórico são escassos e ambíguos, a formação e desenvolvimento da Igreja (do latim *ecclesia*, assembleia) também são alvo de disputas dos diferentes grupos que dela participaram ao longo desses séculos de existência. Mas, nesse caso, como existem muito mais documentos, é possível fazer as comparações e analisá-los de forma crítica.

Os primeiros cristãos, inicialmente judeus praticantes das tradições religiosas conforme indicado acima por Armstrong, pareciam formar um grupo com traços muito próximos aos de outros que o antecederam, como os citados essênios. Reuniam-se para refeições comuns, tomavam decisões de forma colegiada, praticavam um comunismo de consumo e provavelmente permitiam o protagonismo feminino, como as figuras de Maria de Magdala (ou Madalena) e Santa Tecla¹⁰ parecem sugerir. Se esse

9. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sim%C3%A3o_mago>. Acessado em 24/03/2013..

10. Santa Tecla é venerada como mártir nos rituais romano e ortodoxo, citada apenas no livro apócrifo *Atos de Paulo e Tecla*, do século II. A importância desse livro (que não faz parte do cânone romano) reside no fato de expressar o direito das mulheres de pregar e batizar na igreja primitiva. Ver: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Atos_de_Paulo_e_Tecla>. Acessado em 24/03/2013.

perfil for o mais próximo da realidade, confirmaria a tese segundo a qual eles esperavam pela vinda do Reino de Deus ainda em suas vidas, e que as hierarquias e preocupações econômicas cotidianas eram coisas pouco importantes perto das Boas Novas trazidas por seu Messias.

As cartas do apóstolo Paulo são alguns dos documentos mais antigos do cristianismo, inclusive anteriores aos Evangelhos (pois foram escritas entre os anos 40 e 60 d.C.), e da mesma forma que nos dão uma ideia de como funcionavam essas comunidades também são exemplos das lutas que foram travadas pelas diversas facções desde o início pela hegemonia do movimento. Ali, o apóstolo faz admoestações aos irmãos, mostrando a necessidade de desprendimento das coisas desse mundo uma vez que o outro (também terreno) seria de prosperidade e justiça. Também defendia a forma comunal de convívio, deixando implícito que o custeio dos servidores da igreja (ou seja, o clero) exigia decisões colegiadas, sem hierarquia entre o clero e os leigos.

As versões posteriores dessas cartas, que foram objeto de “revisão” (na irônica classificação de Kautsky, ele próprio depois adjetivado desta forma), apresentavam uma visão de mundo e de eclesial bastante distintas. Uma passagem que os especialistas hoje aceitam como uma interpolação (ou seja, acrescentada *a posteriori*) é aquela em que Paulo defende a submissão feminina:

Pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz. Como em todas as congregações dos santos, permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas, pois não lhes é permitido falar; antes, permaneçam em submissão, como diz a Lei. Se quiserem aprender alguma coisa, que perguntem aos seus maridos em casa, pois é vergonhoso uma mulher falar na Igreja (I Coríntios, cap. 14, vers. 33-34).

De acordo com Kautsky, os especialistas em história da Igreja indicam que essa interpolação é do século II, em sintonia com a cultura romana, mas longe do espírito que guiava o cristianismo primitivo:

Com a dissolução, ou pelo menos o enfraquecimento dos laços de família tradicionais, ocorreu necessariamente uma mudança na situação da mulher. Uma vez que não estava mais limitada às estreitas atividades da família, uma vez que as pôs de lado, viu-se capacitada a dedicar sua mente e seus interesses a outros pensamentos, fora da esfera familiar. [...] Sua solicitude desinteressada pela satisfação diária das necessidades dos esposos transformou-se num interesse pela libertação da raça humana de todas as suas misérias (Kautsky, 2010, p. 390).

Com a dissolução, ou pelo menos o enfraquecimento dos laços de família tradicionais, ocorreu necessariamente uma mudança na situação

da mulher. Uma vez que não estava mais limitada às estreitas atividades da família, uma vez que as pôs de lado, viu-se capacitada a dedicar sua mente e seus interesses a outros pensamentos, fora da esfera familiar. [...] Sua solicitude desinteressada pela satisfação diária das necessidades dos esposos transformou-se num interesse pela libertação da raça humana de todas as suas misérias (Kautsky, 2010, p. 390).

Para outra comparação com a interpolação machista da epístola paulina citada, vejamos como o texto dos Atos dos Apóstolos se referiam às mulheres: “[...] e ficamos na casa de Felipe, o evangelista [...] Ele tinha quatro filhas virgens, que profetizavam” (Atos, cap, 21, vers. 9). Esse tema do papel das mulheres revela não só a relativa igualdade de gênero que devia existir entre os cristãos primitivos, como também a ideia de que a família compreendia toda a comunidade, não só pais, irmãos, cônjuges e filhos. Isso era reflexo do comunismo de consumo praticado ainda em pequena escala, e tanto Ehrman quanto Kautsky sugerem que no início muitos membros viviam naquilo que depois a hipocrisia burguesa atribuiria aos comunistas modernos, qual seja, a “comunidade de mulheres”¹¹ ou poligamia.

Outro aspecto importante, que ainda envolve a figura de Paulo, é sobre a composição das primeiras comunidades: eram de judeus, judeus e gentios, ou majoritariamente de gentios? Ainda que não exista dúvida de que o cristianismo fosse no início uma seita judaica, sua força parece ter surgido após a disseminação entre povos não-judeus. Paulo, por exemplo, é apresentado nos Atos dos Apóstolos como perseguidor dos cristãos na Judeia e Samaria, portanto seria conhecido deles; já sua carta aos Gálatas informa que para os irmãos em Cristo da Judeia ele era ainda desconhecido (Ehrman, 2010, p. 71).

Essa discrepância – que segundo o teólogo citado aparece em toda Bíblia, em especial nos Evangelhos – indica a disputa que havia entre os cristãos judeus e os cristãos gentios, pois Paulo afirmava que sua autoridade vinha diretamente de Cristo, que teria surgido em sua forma transcendental ao apóstolo. Era essa autoridade que lhe permitia divulgar a mensagem cristã entre os gentios, inclusive defendendo que esses não precisavam seguir os ritos religiosos hebreus, como a circuncisão (*idem*).

11. Quem não se lembra da famosa passagem do Manifesto Comunista: “Mas vocês, comunistas, querem implantar a comunhão de mulheres, grita toda a burguesia em coro. O burguês vê em sua esposa um mero instrumento de produção. Ele ouve que os instrumentos de produção devem ser explorados coletivamente e não consegue conceber outra coisa senão que o destino comunitário se aplica também às mulheres” (Marx e Engels, 2012, pp. 28-29).

De todo modo, a diáspora após 70 d.C. deu as condições para que a seita palestina se tornasse cada vez mais uma religião helenista.

Mas vale notar, antes de avançar, que aquele espírito comunitário também trazia em seu bojo alguns problemas de organização. Não havia ainda entre eles a figura do clero profissionalizado e apartado dos demais cristãos. As cartas de Paulo eram, de certa forma, a tentativa de garantir um mínimo de ordem e retidão às comunidades que estavam crescendo e, com isso, vendo surgir cisões e disputas entre irmãos que se sentiam mais “santos” do que os outros; os serviços administrados pela comunidade ficavam relegados a segundo plano, pois a habilidade de “falar em línguas” era considerada mais espiritual e geralmente acabava se tornando exibicionismo público (*idem*, p. 149).

Kautsky demonstra como a necessidade de organizar essas comunidades leva à gradual formação do clero: os diáconos, que eram os “organizadores da mesa” das refeições comuns, poupavam os líderes religiosos dessa função, em benefício da propaganda que estes organizavam. Mas era preciso cobrar e administrar as cotas dos membros da comunidade, que se tornava cada vez maior.

Nomeou-se então um administrador acima dos diáconos. [...] Nas irmandades e sociedades da Ásia Menor, os funcionários administrativos e financeiros ostentavam o título de *Epimeletes* ou *Episkopos* (observador, superintendente). [...] O bispo da cidade era, portanto, um funcionário administrativo relacionado, particularmente, com a alimentação da população. [...] Muito trabalho, muita responsabilidade, mas também muito poder foram postos nas mãos dos bispos (Kautsky, 2010, p. 477).

Com o passar do tempo, o bispo passou a zelar também pela doutrinação, contando agora com os serviços de um colégio de anciãos ou presbíteros (também chamados de padres), do qual era o presidente. Era esse grupo de presbíteros que fazia a triagem de quem era permitido ou não na comunidade, por meio do batismo (*idem*, p. 478). Dessa forma, ao longo de todo o século II, foi se constituindo a hierarquia católica, cada vez mais distante da seita milenarista e igualitarista dos cristãos palestinos. E com o Édito de Milão no século IV, sob Constantino, torna-se a religião oficial do Império Romano, ao mesmo tempo uma vitória da instituição cristã e uma derrota do espírito comunista primitivo.

3. Cristianismo Primitivo e Socialismo Moderno

Marx e Engels, em seus diversos textos, tiveram a oportunidade de flertar com a análise e a crítica ao cristianismo, ainda que considerassem que as energias deveriam ser voltadas para a compreensão dos (e a intervenção

nos) aspectos da vida material que geravam essas ideias na sociedade capitalista, evitando cair no erro dos jovens hegelianos.¹² Se Marx, em diversas passagens de *O Capital*, sugeriu a analogia do dinheiro e do capital ao demônio da avareza Mamón, Engels olhou para o desenvolvimento e a história posterior do cristianismo. Nos seus textos *As Guerras Camponesas na Alemanha* (1850), *Bruno Bauer e o Início do Cristianismo* (1882), *Contribuição para a História do Cristianismo Primitivo* (1895) e o *Prefácio de As Lutas de Classe na França* (1895), o companheiro de Marx buscou apontar como o surgimento e o desenvolvimento da religião cristã trazia lições sobre lutas de classe, desvirtuamento doutrinário e organizativo e ressurgimento de movimentos contestatórios em busca das origens, além das questões militares decorrentes dessas lutas. Sua intenção clara era mostrar que os princípios igualitaristas eram anteriores ao comunismo moderno, mas que, ao contrário deste, aqueles não puderam se realizar plenamente em função dos limites impostos pelas estruturas sociais da Antiguidade e da Idade Média.

Em *Contribuição para a História do Cristianismo Primitivo*, o autor demonstra – tal qual faria posteriormente Kautsky – que o espírito que guiava o(s) autor(es) do Apocalipse de João¹³ era o milenarismo e o forte rancor de classe:

Ao quinto selo João percebe, sob o altar de Deus, as almas dos mártires de Cristo que foram mortos por causa da palavra de Deus - “Eles gritavam com voz forte: Até quando, mestre santo e venerável, continuarás a adiar o julgamento e a vingança do nosso sangue sobre os habitantes da Terra?” Nesta altura, é dada a cada um veste branca e dizem-lhes que esperem ainda um pouco até que esteja completo o número de mártires que devem morrer. Ainda então não se fala da ‘religião do amor’, do ‘amai aqueles que vos odeiam, abençoai os que vos maldizem’ etc. Aqui prega-se abertamente a vingança, a sã, a honesta vingança a exercer sobre os perseguidores dos cristãos”.¹⁴

De acordo com Engels, o cristianismo primitivo apresentava um ardor belicoso de luta contra o mundo que não deixou traços na religião ulteriormente desenvolvida, exceto em explosões milenaristas como

-
12. O texto de referência aqui é, sem dúvida, *A Sagrada Família ou a Crítica da crítica crítica* (Marx e Engels, 2003).
 13. Que certamente não era(m) o(s) mesmo(s) do Evangelho de mesmo nome, este último com elementos de um misticismo helenista acomodado às estruturas do poder romano.
 14. Disponível em <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1895/mes/cristianismo.htm>>. Acessado em 14/01/2013.

as rebeliões camponesas do final da Idade Média, em especial aquela organizada por Thomas Müntzer. No seu livro *As Guerras Camponesas na Alemanha*, Engels analisa os episódios que envolveram não só esse teólogo alemão, mas uma série de revoltas camponesas no século XVI. Embaladas por novas interpretações da Bíblia surgidas com a Reforma, pregavam um resgate do espírito comunista primitivo dos cristãos. São fundamentalmente rebeliões de camponeses, de caráter nacional em uma Alemanha dividida em diversos estados autônomos, que vão surgir a partir dos embates dos príncipes germânicos com o poder do Vaticano. Müntzer radicaliza dessa forma a crítica de Martim Lutero, que apesar da retórica radical inicial tendeu a expressar os interesses da nobreza anticatólica.

Com sua tradução da Bíblia, Lutero dera um poderoso instrumento ao movimento plebeu. Na Bíblia, aparecia o cristianismo primitivo e simples dos primeiros séculos em oposição ao cristianismo feudal da época [...]. Mais tarde usou-o Lutero contra os camponeses lançando mão da Bíblia para louvar as autoridades constituídas “pela graça de Deus”, como nenhum lacaio da monarquia absoluta jamais o fizera. Serviu-lhe a Bíblia para justificar a monarquia pela graça de Deus, a obediência passiva e até a servidão. Foi a negação não apenas da insurreição camponesa como da rebeldia do próprio Lutero contra a autoridade espiritual e secular. Traição, não só da rebeldia popular como também do movimento burguês, em benefício dos príncipes (Engels, 1977. p. 46).

Engels demonstra que tais fenômenos expressavam ao mesmo tempo o esgotamento da cosmovisão que guiara o medievo e a incapacidade de construir uma sociedade alicerçada em valores coletivistas, uma vez que ainda estava no horizonte uma sociedade que deveria destravar as forças produtivas e valorizar o papel do indivíduo, projeto que só foi efetivado dois séculos depois pelas revoluções burguesas. E a radicalização do discurso de Müntzer, nesse contexto, tornou as revoltas camponesas praticamente inextinguíveis:

O pior que pode suceder ao chefe de um partido revolucionário é ver-se forçado a tomar o poder num contexto em que o movimento ainda não está bastante amadurecido para que a classe que representa possa assumir a direção e para que se possam aplicar as medidas necessárias ao domínio dessa classe. [...] Agora Müntzer é um profeta da revolução com todo o seu ser. Incendia incessantemente o ódio contra as classes dominantes, desperta as paixões mais violentas e, quando fala, emprega as frases incendiadas que o delírio nacional e religioso atribuía aos profetas do Velho Testamento (*idem*, pp. 102-103).

Notamos que o revolucionário alemão, ao analisar a tragédia de uma revolução que estava condenada ao fracasso,¹⁵ procurava pistas para pensar os contornos da moderna ação revolucionária, que não deveria portanto repetir os erros do passado e aproveitar as novas condições infraestruturais para superar o modo capitalista de produção; seus olhos miravam o passado, mas suas preocupações estavam orientadas para o futuro da classe operária.

É bastante conhecida a passagem em que Engels cita, no prefácio de 1895 para *As Lutas de Classe na França*, de Marx, o desenvolvimento do cristianismo na Antiguidade:

Faz hoje quase 1.600 anos que no Império Romano atuava também um perigoso partido subversivo. Esse partido minava a religião e todos os fundamentos do Estado. [...] Esse partido subversivo, que era conhecido pelo nome de cristãos, tinha também uma forte representação no exército; legiões inteiras eram cristãs. [...] O imperador Diocleciano já não podia assistir tranquilamente ao minar da ordem, da obediência e da disciplina dentro de seu exército. [...] Emitiu uma lei contra os socialistas, queria dizer, uma lei contra os cristãos. Foram proibidas as reuniões de subversivos, os locais de reuniões encerrados ou demolidos, os símbolos cristãos, cruzes etc., foram proibidos, como na Saxônia os lenços vermelhos (Marx e Engels, 1982, p. 207).

Sua intenção aqui é evidente: não só associar a luta dos cristãos primitivos aos socialistas modernos, como também ironizar a Igreja do século XIX, então na reação ao laicismo e ao movimento operário por meio da encíclica *Rerum Novarum* do papa Leão XIII, em 1891.¹⁶ Essa preocupação com a religião cristã primitiva, como vimos, influenciou diretamente Karl Kautsky no que se refere aos problemas da organização. Todos eles confiavam na capacidade da classe operária em superar os limites que outrora levaram os revolucionários a sucumbir ante o poder das instituições sociais, acabando por ser cooptados e se transformando no partido da ordem.

-
15. Müntzer foi preso, torturado e decapitado em 27 de maio de 1525. O conjunto das mortes que se seguiram à repressão das Guerras Camponesas chegou à casa das dezenas de milhares. Um exemplo do ódio por trás dessas repressões: um pouco antes, uma cruzada contra o Império Turco que virara revolta camponesa na Hungria e organizada por Jorge Dosza em 1514 foi massacrada, seu líder foi cozido em um trono incandescente e seus seguidores obrigados a comer sua carne, antes de serem também assassinados (Engels, 1977).
 16. Que curiosamente, devido às passagens em que defendia uma vida melhor à classe trabalhadora, acabou inspirando movimentos católicos que se aproximaram do socialismo. Um bom exemplo é retratado no filme *Daens*, um grito de justiça (1992), sobre o padre belga que lutou junto com os trabalhadores por melhores condições de vida para a classe operária.

Outra socialista influenciada por tais questões foi Rosa Luxemburg. Como os supracitados, ela também escreveu um pequeno texto onde buscou reconstruir o discurso revolucionário dos cristãos primitivos, como forma de combater as críticas do clero contra o movimento operário e como contribuição de análise sobre organização política. Em seu *O Socialismo e as Igrejas* (1905) a marxista polonesa identifica o mesmo fenômeno do crescimento e desvirtuamento das primeiras comunidades cristãs, e a resposta furiosa dos Doutores da Igreja, que pregavam a volta ao espírito comunitário original. Um desses patriarcas do século IV, São Basílio, é citado por Rosa devido ao seu forte discurso contra os ricos e contra a cobiça:

Miseráveis, como vos ireis justificar diante do Juiz do Céu? Vós dizeis-me: “Qual é a nossa falta, quando guardamos o que nos pertence?” eu pergunto-vos: “Como é que arranjastes isso a que chamais de vossa propriedade? Como é que os possuidores se tornam ricos, senão tomando posse das coisas que pertencem a todos? Se todos tomassem apenas o que estritamente necessitam, deixando o resto aos outros, não haveria nem ricos nem pobres.”¹⁷

Conforme já indicamos a partir das leituras de Kautsky, havia um gradual processo de abandono da vida em comum, e muitos cristãos passavam a adotar a prática da esmola como forma de substituir o comunismo primitivo. Os Padres da Igreja percebiam que o crescimento da Igreja tinha o potencial de descaracterizar aquele espírito de união e de auxílio mútuo dos primeiros anos. Outro Doutor da Igreja citado por Rosa com idêntica violência discursiva contra a avareza é São Gregório Magno ou Gregório I, que foi papa no século VI:

Não é, de modo algum, bastante não roubar a propriedade dos outros; é errado conservar para si próprio a riqueza que Deus criou para todos. Aquele que não dá aos outros o que possui é um assassino; quando guarda para seu próprio uso o que proveria os pobres, pode dizer-se que está a matar os que podiam ter vivido da sua abundância; quando repartimos com os que estão sofrendo, nós não damos o que nos pertence, mas o que lhes pertence. Isto não é um ato de misericórdia, mas o pagamento de uma dívida (*idem, ibidem*).

Um teólogo atual poderia justificar essas passagens, dizendo que são perfeitamente compatíveis com a Doutrina Social da Igreja, surgida após a encíclica *Rerum Novarum*. Mas, da mesma forma que

17. Disponível em <<http://www.marxists.org/portugues/luxemburgo/1905/mes/igrejas.htm>>. Acessado em 05/02/2013.

Engels, Rosa está combatendo a hipocrisia do clero de seu tempo, que defende como sacrossanto o princípio da propriedade privada (que, aliás, é plenamente reconhecida no citado documento papal), além de refletir sobre os problemas inerentes à organização. Ela identifica o ódio dos padres modernos e da burguesia contra a socialdemocracia clássica (socialista) devido ao fato de esta ser muito eficiente naquilo que o poder eclesiástico vinha perdendo no mundo laicizado, a saber, a capacidade de atribuir à arregimentação organizacional uma conduta ético-moral:

Nos países onde o clero católico goza de grande poder sobre a mentalidade do povo, na Espanha e na Itália, por exemplo, as pessoas são mantidas em completa ignorância. A embriaguez e o crime florescem aí. Por exemplo, comparemos as duas províncias da Alemanha, Baviera e Saxônia. A Baviera é um estado agrícola onde a população vive predominantemente sob influência do clero católico. A Saxônia é um estado industrializado onde os sociais-democratas exercem um grande papel na vida dos trabalhadores. Vencem as eleições parlamentares em quase todas as circunscrições, razão pela qual a burguesia mostra o seu ódio contra esta Província social-democrata “vermelha”. E o que é que se vê? As estatísticas oficiais mostram que o número de crimes econômicos cometidos na ultracatólica Baviera é relativamente muito mais elevado do que na “Vermelha Saxônia” (*idem, ibidem*).

É curioso que Rosa use um argumento muito similar ao da sociologia clássica de Émile Durkheim no seu *O Suicídio* e de Max Weber no já citado *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, ainda que as conclusões não sejam as mesmas. Enquanto esses últimos associavam o individualismo ao meio urbano e à industrialização (desagregando os laços criados pela tradição), Rosa segue a tradição marxista, ao identificar na organização dos trabalhadores desenvolvida no meio fabril a possibilidade de superação desse individualismo associado à apatia política e ao espírito servil. Como nos escritos de seus camaradas, acredita que o desenvolvimento capitalista cria as condições de organização de massa qualitativamente superiores às que conheceram os cristãos primitivos.

4. Política, Religião e Cultura

E uma vez que estamos no terreno da análise da cultura e do poder político, surge a oportunidade de passar em revista outro clássico marxista que olhou com atenção para o cristianismo: Antonio Gramsci. Como sabemos, a obra deste militante italiano após sua prisão não compõe um todo orgânico,

antes são fragmentos de estudos (ainda que densos e longos) que realizou na prisão fascista. Alguns desses estudos versavam sobre o cristianismo. Uma das originalidades do pensamento gramsciano foi destacar o papel do intelectual na disputa política, em particular na formação de vanguardas de grupos/partidos. A Igreja Cristã na Antiguidade possuiu muitos desses intelectuais orgânicos, começando por Paulo de Tarso:

Cristo-*Weltanschauung* [cosmovisão] – São Paulo-organizador, ação, expansão da *Weltanschauung*; ambos são necessários na mesma medida e, conseqüentemente, têm uma mesma estatura histórica. O cristianismo poderia ser chamado, historicamente, de “cristianismo-paulismo”, e esta seria a expressão mais exata (apenas a crença na divindade de Cristo impediu que isto ocorresse, mas esta crença é também apenas um elemento histórico e não teórico) (Gramsci, 1978, p. 94).

Ou seja, o formulador teórico-prático da mensagem de Cristo é Paulo. Daí a sugestão bem conhecida de que Paulo foi para Jesus o que Lênin foi para Marx, ainda que a comparação pudesse fazer o filósofo alemão torcer o nariz (não por Lênin e sim pela comparação com fundadores de religião). Estudar o desenvolvimento da Igreja cristã¹⁸ pressupõe nesta ótica considerar o papel indispensável dos articuladores teóricos e práticos da nova mensagem religiosa. Como os demais clássicos do marxismo, Gramsci queria compreender como um grupo marginal se transformou na instituição portadora da nova ideologia do Império Romano, que substituiu seu antigo panteão.

É ocioso explicar a importância da Igreja Católica (até hoje) na vida política italiana, mas os fragmentos de Gramsci não olhavam apenas para a especificidade do catolicismo na península. Ele compreendeu que após o advento da modernidade e a Revolução Francesa o poder político tradicional necessitava de um braço partidário para se legitimar,¹⁹ e isso coube ao movimento eclesial conhecido como *Ação Católica* e às agremiações que se seguiram.

18. Hugues Portelli sugere que Gramsci não aprofundou nos *Cadernos do Cárcere* o estudo da gênese do cristianismo devido à óbvia ausência de documentação. De todo modo, ele parecia desconhecer os estudos de Engels e Kautsky sobre o cristianismo primitivo, ainda que fizesse menção à polêmica sobre a existência histórica de Jesus, um dos temas tratados por Bruno Bauer, com que Engels dialogava nos seus textos (Portelli, 1984, p. 49).

19. É evidente que ele é tributário, como os demais, da reflexão marxiana na passagem clássica do Manifesto Comunista: “Um fantasma circula pela Europa – o fantasma do comunismo. Todas as potências da velha Europa se aliam numa caçada santa a esse fantasma: o papa e o czar, Metternich e Guizot, radicais franceses e policiais alemães” (Marx e Engels, 2012).

Todos os argumentos utilizados pelos historiadores católicos (e as afirmações apolíticas dos pontífices nas encíclicas) para explicar o nascimento da Ação Católica e para ligar esta nova formação a movimentos e atividades que “sempre existiram” a partir de Cristo, são extremamente falazes. Depois de 1848, em toda a Europa (na Itália a crise assume a forma específica e direta do anticlericalismo e da luta, inclusive militar, contra a Igreja) a crise histórico-político-intelectual é superada com a nítida vitória do liberalismo (entendido como concepção do mundo, mais do que como corrente política particular) sobre a concepção cosmopolita e “papal” do catolicismo (Gramsci, 1991, p. 276).

Também entende este autor que a questão religiosa deve ser entendida fundamentalmente pelo prisma político, em especial aquele aberto após o fim do *Ancien Régime*. Com o advento da democracia por meio do sufrágio universal, as forças antagônicas ao socialismo só poderiam usar a máquina do Estado para conter o avanço das lutas operárias e camponesas, e o instrumento por excelência para isso é o partido político, legitimado pelas cartas constitucionais. Boa parte do século XX viu surgir na Europa e nos países latino-americanos agremiações denominadas de forma explícita como “cristãs” e “católicas”, e mesmo nos dias atuais a pauta política moral é amplamente defendida por partidos conservadores, mesmo sem o qualificativo religioso (basta ver os discursos contra o aborto, a união civil de pessoas do mesmo sexo etc.). Ocorre que a tradição cristã via surgir, com a modernidade, outro tipo de desafio: o hedonismo/individualismo.

A Renascença e a Ilustração desenvolveram a concepção antropocêntrica de mundo, mas como seu corolário viram surgir também a ideia de uma relação individual com a divindade. O primeiro passo foi dado pela Reforma, mas no seio do próprio catolicismo havia espaço para uma abordagem religiosa calcada no princípio do destino individual. Gramsci percebe aí uma ligação entre fuga do mundo e prazer, associadas à religião. Procura em Balzac e em Pascal uma chave interpretativa para a famosa passagem de Marx em *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*: o “ópio do povo” é na verdade referência ao caráter lúdico e aleatório (de aposta) da religião, que reverbera nas relações sociais e na política; cair nas graças de Deus ou ser salvo é pura questão de sorte (Gramsci, 1991, p. 347). Em países com forte presença católica – como era o caso da Itália no início do século XX – a passividade política se expressa por meio da “concepção mesquinha” da graça, que atribui a sorte a mero arbítrio do sobrenatural, ao contrário da concepção protestante do ascetismo intramundano, da graça como sinal da eleição do fiel na luta contra o

mundo decaído. Esta última exige participação grupal e militância, a primeira conduta pode ser vivida isoladamente. Vê Gramsci portanto uma relação entre a religião e a fuga do mundo:

Deve-se verificar também se Baudelaire, no título do seu livro *Os Paraísos Artificiais* (e inclusive no tratamento) inspirou-se na expressão “ópio do povo”: a fórmula poderia ter chegado a ele indiretamente, através da leitura política e jornalística. Não me parece provável (mas não se exclui) que antes do livro de Balzac [*A Comédia Humana*] existisse alguma maneira de dizer pela qual o ópio e outros estupefacientes e narcóticos eram apresentados como meio para alcançar um paraíso artificial (*idem*, p. 349).

Notemos que essa ideia de “fuga do mundo” por meio do ópio real ou simbólico (religião) corresponde à segunda fase do cristianismo primitivo, a que nos foi legada pelo Medievo: o Reino de Deus fora do mundo, fora da história. Curiosamente, as concepções messiânicas do tempo de Jesus – já apontadas – teriam maior correspondência no militantismo ascético desenvolvido *no mundo*, pregado por João Calvino e lembrado rapidamente por Gramsci.

Na sequência do texto, o autor passa em revista autores da história e da filosofia da religião e aponta algo de extrema importância para nosso argumento ao longo do texto – a de que os autores marxistas estavam de fato preocupados com a capacidade organizativa do cristianismo. Pois religião representa não só a relação entre a humanidade e seres transcendentais, mas também condutas de vida e rituais permanentes dotados de significação para os grupos em que se está inserido.

Também deveríamos examinar se se pode chamar de “religião” uma fé que não tenha por objetivo um deus pessoal, mas só forças impessoais e indeterminadas. No mundo moderno abusa-se das palavras “religião” e religioso”, atribuindo-lhes sentimentos que nada têm que ver com as religiões positivas. Não se pode também considerar o “teísmo” uma religião, pois falta a ele o culto, uma relação determinada entre o homem e a divindade (*idem*, p. 350).

Aqui aparece uma crítica (por sinal, ainda bem atual) às concepções hedonistas de religiosidade, em que o indivíduo pode estabelecer uma relação direta com o transcendental sem a mediação da *comunidade de crentes*. Como vimos acima, nos primórdios do cristianismo o proselitismo e a iniciação por meio do batismo eram parte destacada da nova religião, bem diferente da tolerância do panteão romano, que não buscava a conversão dos povos dominados, mas apenas sua submissão política e econômica. Tanto Gramsci quanto os demais citados

compreendiam o poder do cristianismo e do catolicismo exatamente neste aspecto, ainda que o comunista italiano indicasse as *formas passivas de dominação* que a Igreja Católica ajudou a desenvolver, naquilo que a análise gramsciana classificou como “questão meridional”. Sem entrar na análise dessa categoria (que por si só valeria outro artigo), cabe apenas reter seu aspecto mais importante para nossa reflexão: a vitória do cristianismo na Antiguidade foi a típica *revolução passiva*, onde o novo só é viável quando toma de empréstimo as formas (e mesmo alguns conteúdos) do antigo, muito bem sintetizada na famosa frase do livro *O Leopardo*, de Lampedusa: “tudo deve mudar para que tudo fique como está”. O sentimento de pertença e o proselitismo, tão importantes no cristianismo original, podem ser domesticados em uma aceitação individual do *status quo*.

5. Conclusão

Essa breve exposição acerca dos clássicos do marxismo que analisaram o cristianismo primitivo e sua gradual conversão em ideologia de Estado procurou demonstrar como tais pensadores estavam atentos para o *elemento da organização* desse movimento religioso histórico. Mais do que se preocupar com o conteúdo da narrativa religiosa e combatê-la (hoje tão em voga entre os neodarwinistas, como o biólogo Richard Dawkins), Marx, Engels, Kautsky, Rosa e Gramsci perceberam que havia muito mais que mera analogia entre a situação dos marginalizados do Império Romano e a dos trabalhadores explorados no capitalismo.

Tratava-se de compreender como as formas de organização do “partido cristão”, os combates com outras concepções religiosas e mesmo com as defecções do próprio partido levaram à estruturação da instituição eclesial e de sua doutrina. Os avanços e os evidentes limites dessa vitória deveriam ser compreendidos não porque os movimentos são idênticos, mas, pelo contrário, para capacitar as organizações modernas dos trabalhadores a avançar a partir de suas particularidades históricas, uma vez que todas são historicamente determinadas.

Mesmo separados temporal e socialmente, o cristianismo primitivo e o socialismo moderno demandaram capacidade propagandística e a formação de quadros intelectuais capazes de uma missão gigantesca. Mesmo sabendo das peculiaridades de ambos, os autores aqui expostos não resistiram a lançar mão das analogias, uma vez que para eles tudo que o que diz respeito à sociedade possui pertinência política, como é o caso da religião.

Como todos eles se preocuparam apenas com o contexto social em que teriam vivido Jesus e seus primeiros discípulos, não houve espaço aqui para discutir eventuais elementos fantásticos de sua trajetória, em especial a ressurreição. Se boa parte dos materialistas aceita que no geral estamos falando de uma personagem mítica, ainda assim é necessário explicar como uma seita marginal ganha espaço dentre tantas outras existentes à época. A explicação mais plausível sugerida pelos autores que analisamos é a de que a força do cristianismo residia no seu destacado espírito comunitário, herdado de grupos como os essênios e outros milenaristas.²⁰

Dos estudos marxistas citados aqui, o de Kautsky é de longe o mais denso e exaustivo do ponto de vista do rigor histórico, ainda que apresente, como os outros, um forte elemento de crença na ascensão da revolução socialista. Chega a ser irônico, com os olhos do presente, algumas passagens em que ele comenta a degeneração do cristianismo primitivo em ideologia de Estado. Se tiradas do contexto, quase que poderiam ser usadas para explicar o socialismo soviético.

A origem do cristianismo coincide com um colapso da democracia. Os três séculos de seu desenvolvimento, anteriores a seu reconhecimento, caracterizam-se por uma decadência constante de todos os remanescentes de autonomia e também por uma desintegração progressiva das forças produtivas. O movimento operário moderno tem origem em uma enorme vitória da democracia, a grande Revolução Francesa [...] Não há por que temer que se desenvolva, a partir de suas próprias fileiras, uma classe de senhores e exploradores que partilhem o saque com os antigos detentores do poder (Kautsky, 2010, p. 505).

Também não é aqui o espaço e a oportunidade para explicar o colapso da experiência socialista no século XX, mas chama nossa atenção que o problema da democracia e da desintegração das forças produtivas sejam citados por Kautsky, pois muitos dos estudiosos da União Soviética

20. Há um livro interessante, chamado *O Sinal – O Santo Sudário e o Segredo da Ressurreição*, do historiador da arte Thomas de Wesselow (Companhia das Letras, 2012), em que ele apresenta a tese segundo o qual o Sudário de Turim, relíquia católica que seria o pano funerário que envolveu o corpo de Jesus, é autêntico e que a famosa imagem é resultado de fenômeno natural no qual um cadáver pode gerá-la em determinadas circunstâncias. Sua exibição entre os primeiros cristãos os teria convencido de que se tratava de uma forma divina, um Jesus Ressuscitado, e essa crença teria reforçado ainda mais os laços comunais que os ligavam, atribuindo autoridade aos relatos dos primeiros pregadores. Ele questiona também a forma como a Igreja Católica disponibilizou o acesso ao pano, o que acabou gerando a polêmica sobre a sua datação, que o indicou como uma falsificação medieval.

e do bloco socialista vão apontar esses dois elementos como os decisivos para seu colapso. De todo modo, o militante e teórico alemão foi crítico do movimento bolchevique russo, mas também cometeu diversos erros como liderança na socialdemocracia de seu país.

Se levarmos em consideração a máxima de Marx segundo o qual a história nunca se repete de forma mecânica (“primeiro como tragédia, depois como farsa”), então é preciso reconhecer que a análise das condições concretas e singulares de cada sociedade é a única chave não só para explicá-la, mas também para mudá-la. Mesmo fazendo parte de uma totalidade sistêmica, cada realidade social e cada particularidade histórica devem ser avaliadas para tomadas de decisão política. Parafraseando Lênin, o conhecimento histórico é um dos instrumentos essenciais para realizar a análise concreta da situação concreta.

Bibliografia

ARMSTRONG, Karen. Uma História de Deus. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

EHRMAN, Bart D. Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi? - mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia. Rio de Janeiro, Ediouro, 2010.

ENGELS, Friedrich. As Guerras Camponesas na Alemanha. São Paulo, Editorial Gribaldo, 1977.

GRAMSCI, Antonio. Concepção Dialética da História. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1978.

_____. Maquiavel, a Política e o Estado Moderno. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1991.

KAUTSKY, Karl. A Origem do Cristianismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Obras Escolhidas. Lisboa, Edições Avante, 1982.

_____. A Sagrada Família ou a Crítica da crítica crítica. São Paulo, Editora Boitempo, 2003.

_____. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo, Companhia das Letras/Penguin Group, 2012.

PORTELLI, Hugues. Gramsci e a Questão Religiosa. São Paulo, Edições Paulinas, 1984.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

MILITANTE POR UMA UTOPIA

coleção memória militante

Paul Singer

A trajetória intelectual de Paul Singer, aqui resumida pelo próprio autor de modo claro, rigoroso e direto, mostra uma rara combinação de apego ao conhecimento e vontade de interferir na realidade social. Estudante, pós-graduando e depois professor da Universidade de São Paulo, chegou ao posto máximo na carreira docente sem abdicar das duas paixões que o caracterizam: a verdade científica e o socialismo democrático.

Escrito em 1983, este livro, na origem memorial para concurso de Titular da Faculdade de Economia e Administração, resume cerca de vinte anos do percurso acadêmico do professor, aproximadamente de 1963 a 1983. Nele pode-se perceber o nexo entre obras antes apresentadas ao público de maneira separada, revelando a construção de uma teoria a respeito de aspectos centrais da realidade brasileira.



**COM
ARTE**

Paul Singer
Militante por uma utopia